

Home > Opinião > Manuel Silveira da Cunha > A ruptura impossível

A ruptura impossível

Opinião Manuel Silveira da Cunha 2 de Out, 2016

661 1 172



Manuel Silveira da Cunha

Portugal é um pequeno país, reduzido à sua expressão original depois de termos dado mundos ao Mundo. O povo português é o resultado de muitos séculos de história, de muitos cruzamentos étnicos, de muitas conquistas, emigrações e imigração, fluxos e refluxos.

Saimos em grande número, face à população global, mas sempre fomos um punhado de gente. Em números insignificantes, com Duarte Pacheco à cabeça de todos os heróis de Portugal, derrotamos o sultão de Calcuter, uma centena contra noventa mil.

Fomos grandes, tivemos dois verdadeiros Chefes de Estado, o Fundador e, mais recentemente, D. João II. Tivemos também um punhado de governantes razoáveis, onde, recentemente, destacamos Passos Manuel, Fontes Pereira de Melo e Saldanha da Gama, e perdido nas brumas de Sagres, um visionário ainda vela por nós, o Infante D. Henrique.

Infelizmente, a força que fazia de Portugal forte, a coragem e o engenho, foram-se com os que partiram. Com eles foi o sangue da coragem; ficou derramado, heróicamente, por esse Mundo, algumas vezes de forma inútil que ceifou a fina flor da juventude do Reino, como em Alcácer Quibir, pela loucura de um sonho imberbe de um Rei que nunca deveria ter sido aclamado, e, depois, com a pouco contada aventura de Filipe II com a Invençível Armada, em que a marinha portuguesa ficou reduzida a nada.

Os que aqui ficaram foram os camponeses, os que não tiveram coragem de partir, ou que não puderam, os Velhos do Restelo e seus descendentes. De vez em quando, depois da sangria, emergiam os genes de Portugal em poucos que, com bravura, lutaram e fizeram grandes feitos pelo país; algumas vezes tiveram o comando de estrangeiros, Wellington ou Sarsfield, por exemplo, porque o nosso rei foi cobarde demais para ficar e lutar. Matámos cobardemente o Rei, um crime sem castigo, e saímos à rua por Timor vestidos de branco, como patifeiros ricos. E foi o fim.

Infelizmente, os nossos dirigentes mais recentes, saídos do povo, arriçados, sem conhecerem os desígnios que motivaram a construção de Portugal e o seu desígnio teleológico, porque, afinal de contas, são tremendamente ignorantes e não estão sequer interessados no assunto, não governaram para a grandeza de Portugal e do seu povo, nunca governaram para a felicidade das gentes. O último que ainda tinha algum sentido de Estado seria Salazar, infelizmente também ele um homem limitado e tacanho, inteligentíssimo mas farnateado pela dimensão rústica da Beira de então, pela pobreza endémica, admirada por ser falsamente cristã, e pela filosofia do analfabetismo que tudo permitia colocar na ordem.

Chegámos ao ponto a que chegámos, as eleições nada mudado. Os jovens mais bem formados da última geração foram forçados a sair do país e a enriquecer outras nações, restam os descendentes do Velho do Restelo e os resquícios do analfabetismo. Apenas uma ruptura total com o sistema poderia salvar Portugal... Mas feita com que gentes? E para que gentes? Os sonhos do padre Vieira, de Fernando Pessoa, de Agostinho da Silva estão a definir sob o nevoeiro da ignorância de um António Costa e de um Pedro Passos Coelho, afogados nos interesses próprios e não nos interesses do país, afogados sob um manto sinistro de corrupção, outro das males endémicos de Portugal. Com a natalidade cada vez menor, resta esperar pelo declínio e extinção.

TWITTER FACEBOOK GOOGLE+

< PREVIOUS ARTICLE O povo é maior que o seu País NEXT ARTICLE > Um olho no burro, outro no alentejo



SIMILAR ARTICLES

A Pátria não quer a morte dos seus jovens 17 Sep, 2016 277

Uma geringonça sem estratégia 4 Sep, 2016 878

1 Comment Jornal Diabo Login

Recommend Share Sort by Best

Join the discussion...

Comment: O por que pode acontecer a Portugal é o fatalismo e a inevitabilidade e isso tem gerado imobilismo desde há séculos. Hoje somos um país parado e atacado nos nossos defeitos. E preciso agarrar o ramo das nossas virtudes e elevar-nos do charco onde estamos meliados. As nossas virtudes nos colocarão sempre onde é o nosso lugar natural, o da vanguarda dos países criadores. Hoje não passamos de patifeiros de imitação liderados por marionetas que se movimentam por cordões que não são nossos.

ALSO ON JORNAL DIABO
Edição de 21 de Junho de 2016
Degradação da economia pressiona António Costa
Governo e escolas privadas: um debate que ignora o ensino
Será Portugal um País com futuro?

CAPA

o Diabo 28 Sep, 2016
AS NOTÍCIAS DA MORTE DO REINO UNIDO SÃO MANIFESTAMENTE EXAGERADAS
O NO CEGO DA POLÍTICA PORTUGUESA Edição de 27 de Setembro de 2016

SIGA-NOS



INSCREVA-SE NA NEWSLETTER

Fields marked with an * are required
Name *
e-mail *

Enviar

Subscribe Add Disqus to your site Privacy DISQUS

o Diabo
O DIABO é um jornal político independente dedicado a informar o público, promovendo a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e o debate livre desde 1976.
Contact: uc.geral@jornaldiabo.com
Muito obrigado
A equipa do DIABO
MAIS RECENTE
Edição de 27 de Setembro de 2016
Brexit: Saiz, sim, e quanto mais cedo melhor
Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...
O nó cego da política portuguesa
A carneiro do socialismo puro e duro
ARTIGOS MAIS POPULARES
Este é um assalto - Filha de Camilo Moragas no Parlamento
Finlândia: Volta-se o feitiço contra o feticheiro
Angola, ontem e hoje
Quando a economia portuguesa crescia 10% ao ano
Finlândia em crise admite deixar Euro
A tragédia esquecida da descolonização
Não há voluntários para a tropa
Vale tudo? Vale, pois!